

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### A AUSÊNCIA COMO SENTIDO PARA O AMOR EM “UMA ESTRANGEIRA DE NOSSA RUA”, DE MILTON HATOUM

Rafael Magno de Paula Costa<sup>1</sup> (UNESPAR)

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura e análise do conto “Uma estrangeira de nossa rua”, de Milton Hatoum (2010), discutindo uma proposta de sentido para o amor como ausência. Para tanto, partimos de conceitos de pensadores contemporâneos, como Zygmunt Bauman (2004) e Pascal Bruckner (2014), que defendem a tese da morte do amor verificada por meio da sua fácil realização. O personagem analisado em questão evidencia uma paixão obsessiva, entretanto, sua falta de experiência impede que ele vá ao encontro do objeto de seu amor. Desse modo, a ausência de experiência, bem como a consequente ausência do amor, no caso do conto, ocasiona um efeito contrário de “morte do amor”, uma vez que pela não sua não realização a paixão permanece viva na mente do personagem. Esse amor vivo se explica, de acordo com a psicóloga Nadiá Paulo Ferreira (2004), como um sentimento de frustração amorosa.

PALAVRAS-CHAVE: ausência; inexperiência; amor; masculinidade.

### ABSENCE AS INEXPERIENCE AND AS A MEANING FOR LOVE IN “UMA ESTRANGEIRA DE NOSSA RUA”, BY MILTON HATOUM

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the short story “Uma estrangeira de nossa rua”, by Milton Hatoum (2010), discussing a proposal about the meaning of love as an absence. Therefore, from the concepts of contemporary philosophers, such as Zygmunt Bauman (2004) and Pascal Bruckner (2014), which defend the thesis about the death of love, this notion is verified through its easy realization. The character analyzed in question shows an obsessive passion, however, the lack of experience prevents him to go after his love. Thus, the absence of experience and the absence of love cause an opposite effect about “death of love”, because the character’s inexperience keeps love alive in the character’s mind. This living love is explained, according to the psychologist Nadiá Paulo Ferreira (2004) as a feeling of loving frustration.

KEYWORDS: absence; inexperience; love; masculinity.

Recebido em 6 de julho de 2020. Aprovado em 17 de dezembro de 2020.

---

<sup>1</sup> rafaelmpc82@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/5719819132880901>

O conto “Uma estrangeira da nossa rua”, publicado pela primeira vez em 2009 na coletânea *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum, propõe um sentido de amor a partir da noção de ausência. É importante, assim, demonstrar como alguns conceitos sobre o amor que corroboram para essa noção de ausência. O pensador francês, Pascal Bruckner, em *O paradoxo amoroso*, enfatiza, por exemplo, a ideia de que os obstáculos, de algum modo, garantem a sobrevivência do amor:

Amar o amor em geral mais do que os próprios seres é deleitar-se com um ideal. [...] Privado dos obstáculos que o vivificavam ao freá-lo, ei-lo obrigado a encontrar em si os meios de se renovar. Ele morre não por ter sido impedido, mas por ter sido tão bem sucedido. A paixão, dizem, é irresistível; infelizmente ela resiste a tudo, salvo a si mesma. A tragédia clássica opunha uma ligação impossível a uma ordem cruel; na tragédia contemporânea, o amor é morto por ele mesmo, morrendo de sua própria vitória. É exercendo-se que ele se destrói, sua apoteose é seu declínio. (2014: 111)

A “morte do amor” se explica em sua natureza contraditória. Ou seja, à medida que não há nada que impeça sua realização ou concretização, o amor inicia sua derrocada rumo ao falecimento. A presença constante da pessoa amada, nesse caso, contribui para acentuar a falência de um dado relacionamento. A morte do amor pode ser explicada como decorrência da crescente proximidade de um determinado casal.

Bauman, em *Amor líquido*, corrobora com essa noção de que o amor morre quando ele se realiza. De acordo com ele, o amor e a morte seriam experiências únicas que não se repetiriam: “poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta a repetição, não permite recurso nem promete prorrogação” (Bauman 2004: 16-17).

O amor, sendo uma experiência única, não passível de repetição, morreria em sua realização. Nesse sentido, Bauman utiliza-se das imagens de Eros e Tântatos para falar sobre essa proximidade do amor e da morte. Segundo ele, Eros quando finalmente triunfa é simultaneamente derrotado, pois, quando o amor atinge o seu fim automaticamente morre. À medida que o sujeito deseja ardentemente conquistar alguém, quando finalmente consegue êxito, o amor perde seu poder de encantamento: “Todo amor empenha-se em subjugar, mas quando triunfa encontra a derradeira derrota. Todo amor luta para enterrar as fontes de sua precariedade e incerteza, mas, se obtém êxito, logo começa a se enfraquecer – e definir. Eros é possuído pelo fantasma de Tântatos, que nenhum encantamento mágico é capaz de exorcizar” (Bauman 2004: 22).

O conto “Uma estrangeira da nossa rua” é narrado em primeira pessoa, indicando certo tom confessional. O narrador, ao chegar de viagem para a casa de sua tia chamada Mira, em Manaus, pergunta sobre uma família estrangeira. Esse interesse pelo passado revela certo comportamento saudosista por parte do narrador e é mais perceptível quando sente a ausência da família estrangeira: “Na varanda de casa, ao

olhar as ruínas do bangalô, me lembrei de Lyris, mais alta e também menos arredia que a irmã. O cabelo quase ruivo, o rosto anguloso e os olhos verdes e um pouco puxados embaralhavam traços do pai e da mãe” (Hatoum 2010: 16). A narrativa parte dessas lembranças do narrador que retorna ao passado para contar como foi essa experiência amorosa.

Lyris surge como uma figura feminina pela qual o narrador nutria alguma atração: “Só me dei conta dessa beleza estranha e misturada no fim da infância, quando senti alguma coisa terrível e ansiosa parecida com a paixão” (Hatoum 2010: 16). A temática amorosa aparece no texto como motivação para a narrativa. O amor alimentado pela distância e ausência da amada criam um sentido muito próximo ao que significou o amor cortês na Idade Média, surgido no século XII, em que o amor é alimentado pela imaginação e pela fantasia. A idade da moça também é revelada: “Lyris devia ter uns dezoito anos, e a irmã era quase da minha idade: quinze” (Hatoum 2010: 16).

Uma aproximação é descrita pelo narrador como algo praticamente impossível, considerando que Lyris e sua irmã eram constantemente escoltadas pelo pai: “não iam às festas, não pulavam Carnaval, não se bronzeavam nos balneários nem tinham namorados ou amigos. Andavam sempre juntas, e sempre escoltadas pelo pai: o engenheiro Doherty. Diziam que ele era inglês ou irlandês, e a verdadeira nacionalidade permaneceu um mistério” (Hatoum 2010: 16).

Essa dificuldade cria no imaginário do narrador um desejo de querer descobrir quem é Lyris e estabelecer ligações mais próximas, como uma possível amizade, por exemplo. Porém tal anseio é impossibilitado devido a essas circunstâncias. O narrador chega inclusive a pontuar a descoberta da grafia de Lyris como se fosse uma espécie de prêmio:

A família Doherty recebia dos vizinhos convites para festas de São João e de aniversário. Nós sempre convidávamos os estrangeiros, e sempre recebíamos um buquê de flores com um bilhete de agradecimento ou parabéns, assinado pelos pais e suas filhas. Eu aguardava esses bilhetes, gostava de ver a assinatura de Lyris, e pensava que o nome dela, escrito com letras inclinadas, quase deitadas, era um presente para mim. (Hatoum 2010: 17)

Essa paixão invade a mente do narrador que passa a desejar Lyris com mais intensidade. O amor é vivo em razão desse anseio de conquista do rapaz. As barreiras que impossibilitam uma aproximação tornam-se uma motivação a mais para lutar contra as dificuldades. Detalhes mínimos, como a escrita, passam a ter significados profundos para o personagem. Esse amor beira a obsessão quando o narrador conta como passou a vigiar a moça:

Quando fiz catorze anos [...], pude galhos e folhas do jambeiro do quintal, abrindo um clarão na copa espessa da árvore. Então podia ver o pátio onde a mãe estendia a roupa molhada das filhas; aos domingos, cinco da tarde, via a família ao redor de uma mesa sob a acácia; conversavam, riam, tomavam chá

e comiam pupunha cozida com manteiga. [...] Aos sábados, podia ver a janela do quarto das irmãs. A cama de Lyris aparecia inteira, a da irmã, só a metade; durante a semana, as duas moças raramente ficavam no quarto, pois estudavam no escritório da fachada oeste, inacessível ao meu olhar. (Hatoum 2010: 17)

A atitude do rapaz, de podar os galhos que impediam a visão sobre a residência vizinha, demonstra como essa atração o leva a agir de maneira absurdamente apaixonada. O modo como ele mirava as roupas das moças no varal e como marcava determinados horários dos programas familiares para poder contemplar Lyris demonstra como o distanciamento da moça possibilitavam um amor que crescia pela ausência do contato. Esse amor, alimentado pela ausência, poderia muito bem ser mal interpretado na hipótese de Lyris descobrir o que o rapaz estava fazendo. Ela poderia entender que tal atitude configuraria um abuso por parte dele, pois estava invadindo sua privacidade. O amor secreto do narrador, caso fosse descoberto, poderia ser fonte de angústia e decepção para ele, no caso de Lyris interpretar suas atitudes como as de um sujeito psicótico, embora não seja possível confirmar qual seria a reação da moça, em razão da narrativa em primeira pessoa.

O narrador relata essa aventura a partir dos seus catorze anos. Ainda muito jovem, o rapaz começa a descobrir o amor pela atração que sentia pela moça. A fantasia e a imaginação, nesse caso, exercem domínio sobre ele, de modo que isso alimenta esse amor a distância. A falta de experiência também contribui para acentuar essas projeções e anseios. O texto coloca como esse amor estaria supostamente prejudicando o rapaz: “Naquele ano passei parte dos dias na varanda à espera da moça. Tia Mira ralhava: Vais ser reprovado por causa dela. Desiste de uma vez, ela é quase mulher, e tu és um menino” (Hatoum 2010: 18).

Ao classificar o adolescente como “um menino” em contraste a Lyris como “quase mulher”, tia Mira reforça a impossibilidade de o rapaz lançar-se à conquista da estrangeira. Essa desvantagem apresenta-se para o narrador como um obstáculo a ser vencido e provar para a tia que ele “não era um menino”. Essa busca pela afirmação da sua masculinidade é uma razão a mais para o adolescente em ao encontro do amor com Lyris.

Essa espera por Lyris quase diariamente demonstra como o amor faz com que ele perca o domínio de si, passando a agir em razão dessa paixão. Essa ausência, portanto, cria o sentido de amor para ele. O amor é capaz de sacrifícios absurdos como, por exemplo, reprovar na escola por causa disso. Esse amor apaixonado e obsessivo direciona seu pensamento exclusivamente para a moça: “Como seriam as noites dos Doherty? Que segredos, palavras e gestos havia na intimidade, na quase absoluta reclusão?” (Hatoum 2010: 19). A inexperiência do rapaz em lidar com esse sentimento o leva a sobressaltos sentimentais, emotivos e não racionais, mas compreensíveis considerando-se que ele está descortinando os mistérios do amor.

Esse desejo de conhecer e, conseqüentemente possuir, leva o narrador a sentir medo de ser eclipsado por outro homem: “Meu tio, mais tosco e bruto, andava nu pela casa e sentava de pernas abertas na rede e me encarava com um sorriso cínico:

Essa Lyris é pra mim, rapaz. Qualquer dia ela larga o pai e vem sentar no meu colo” (Hatoum 2010: 18). O ciúme é outra paixão que atormenta o rapaz. A possibilidade de rivalizar a moça com o tio é outro fator próprio desse universo masculino que crê na ideia de que a moça configure uma espécie de objeto de conquista, como um troféu.

Essa luta do jovem pela conquista é o mote que o move à procura constante de Lyris, também como forma de afirmar sua identidade masculina. Desse modo, as práticas masculinas que compõem a luta íntima do sujeito e sua identidade são ainda mais contundentes na adolescência. Cecchetto entende as masculinidades dentro do que denomina como “configurações de práticas” (2004: 64). Essas configurações demonstram como determinadas lutas e conflitos no interior de modelos de masculinidades podem ser depreendidos em que alguns homens são mais valorizados e exaltados em detrimento de outros. É o caso dos homens experientes, como o tio, que se sobrepõem aos inexperientes, como o narrador em sua adolescência.

Com efeito, as masculinidades se configuram como relações práticas relativas à classe, etnia, idade, raça, nacionalidade e posição ocupada. A idade, no caso em análise, é o que pesa para o jovem. Dessa maneira, caberia, dentro do exame dessas hierarquias, extrair as construções masculinas inerentes a cada caso. Cecchetto estabelece ainda que:

O mais importante é perceber as relações de poder ou prestígio, na constituição desses modelos hegemônicos e subordinados; isto é, o ideal hegemônico criado num contexto de oposição a “outros”, cuja masculinidade era desvalorizada. Desse modo, é sobre a emasculação de outros que se constrói um tipo de masculinidade hegemônica. Na tentativa de se conferirem uma masculinidade socialmente valorizada, certos grupos masculinos negam outras versões de homem, transformando-as em duvidosas ou desprezíveis. (2004: 66)

De acordo com Cecchetto, determinados homens podem sofrer exclusão no interior das disputas masculinas predeterminada pelo modelo hegemônico. Temos assim, no caso dos adolescentes, masculinidades heterossexuais subordinadas, em que o homem inexperiente é subordinado pelo experiente, segundo uma hierarquia entre os mais e os menos “machos”. O conto demonstra que, para tornar-se homem, nesse caso, seria preciso adquirir essa experiência.

A figura do tio, como um homem conquistador e mais experiente, também emerge causando o receio de perder a moça para um sujeito mais ousado. O conto contrapõe essas noções em que o adolescente se percebe como “menos homem” que seu tio. A experiência e a ousadia dos homens que já sofreram vitórias e revezes no universo da conquista amorosa causa esse medo ou receio de ser ofuscado, conseqüentemente, o ciúme que advém desses sentimentos.

O ciúme, nesse caso, não se verifica apenas em relação ao tio, mas também é indiretamente projetado contra o pai de Lyris: “Lembro que, num fim de tarde, as duas irmãs pararam de recolher a roupa do varal, correram até a garagem e reaparecem



no pátio, penduradas no pescoço do pai, que mal beijou a mulher” (Hatoum 2010: 19). Ao pontuar o excesso de carinho em relação às filhas e a ausência de atenção com a esposa, o narrador remete ao ciúme do amor paterno.

O erotismo, a sexualidade aflorada e o desejo pelo corpo feminino acentuam ainda mais as crises de paixão do narrador. O voyeurismo do adolescente faz com que ele transite entre o amor e o crime de estar invadindo a privacidade de Lyris:

É impossível me aproximar de Lyris, pensei, enlouquecido numa tarde quente de agosto em que a vi deitada na cama, nua, lendo um livro de capa vermelha. As lentes do binóculo traziam para perto de mim o contorno e os relevos do corpo, os cachos de cabelo ruivo e os olhos verdes. Tranquei a porta da varanda e com as mãos suadas me delicieei com a visão do corpo de Lyris. [...] Foi a primeira moça que vi assim: leitora e nua. (Hatoum 2010: 19)

A cena precisa ser compreendida em dois contextos. Uma leitura moralista levaria a uma possível interpretação de que o rapaz estaria ultrapassando os limites do bom senso, praticando ações abomináveis, como importunar a privacidade da jovem. Outra leitura possível compreende as ações do rapaz como a de um curioso que se lança à aventura amorosa, embora da mesma maneira inconveniente. Entretanto, o amor na adolescência possui certas inconveniências e tons de rebeldia passional, em que se correm riscos ou se praticam atitudes insensatas pelo simples prazer da descoberta amorosa. No caso de um adolescente de catorze anos, esse voyeurismo pode ser compreensível, considerando que a beleza da moça o paralisa, forçando-o a amá-la de maneira quase religiosa. Talvez não o fosse se a moça eventualmente descobrisse o que estava se passando. Ainda há uma terceira conjectura: a possibilidade de Lyris gostar da ideia de ser desejada por um rapaz mais jovem.

Embora nada disso tenha efetivamente ocorrido, ou seja, Lyris, ao menos aparentemente, não descobre nada sobre como era vigiada, esses dados são importantes para depreender o comportamento do rapaz. O desenho do amor na adolescência carrega consigo certa carga de inexperiência que, ao se somar às fantasias e imaginações, desperta a curiosidade e o desejo de descobrir absolutamente tudo sobre a mulher que se ama. A inabilidade em administrar ou governar suas paixões também contribui significativamente para o rapaz amar Lyris introspectivamente. Em outra cena, mais uma vez a figura do tio surge para rivalizar com o narrador:

meu tio me convidou para ir ao teatro Amazonas [...]. Não conhecia ninguém, fiquei observando um quadro de Domenico de Angelis, [...] enquanto meu tio bebia e se pavoneava; de vez em quando vinha me dizer que a mãe daquela aluna tinha sido sua namorada e mais de uma mulher no salão era sua amante. Já estava meio bêbado e não dei importância ao que dizia, sua voz de conquistador barato me chateava. (Hatoum 2010: 19-20)

Ao afirmar a pouca importância que dava às conquistas do seu tio, o narrador transparece mais uma vez como o excesso de experiência – considerando-se que seja efetivamente verdade, embora também possa ser uma mentira elaborada pelo tio – de outros homens é um assunto que o aborrece. É preciso, por outro lado, ponderar sobre essa atitude do tio em se “pavonear”. É possível sim que o tio seja de fato um sujeito mais experiente, mas também que conte vantagens pessoais para os outros homens como uma maneira de se sentir mais “homem”. O tio configura um personagem cuja masculinidade se constitui a partir dessas narrativas de competições, vitórias e conquistas, constantemente evocadas para confirmar o estatuto de “homem”.

O tio do conto se enquadra como aqueles que estão submetidos a esse modo de perceber as relações afetivas, acreditando que vivem melhor que outros que não compactuam com essa forma de conduzir suas relações. A imagem do sedutor contemporâneo, na figura do tio, é construída a partir das narrativas desse acúmulo de conquistas, ao passo que a imagem do sujeito apaixonado, na figura do narrador, de alguma forma, sofreu um revés significativo: “Quando o apaixonado gagueja, o sedutor se pavoneia: expõe sua destreza, seus ouros e púrpuras e vai na direção do alvo, infalível” (Bruckner 2014: 56).

Embora a voz do seu tio aborrecesse seu jovem sobrinho, é ela quem revela a chegada de Lyrís: “Mas foi essa voz que soprou no meu ouvido: Como ela é linda, e, quando desviei os olhos do quadro [...], dei de cara com a família Doherty. [...] a beleza de Lyrís se destacava do pequeno clã como uma orquídea selvagem” (Hatoum 2010: 20). O impacto da sua chegada, somada à admiração que nutria pela jovem, choca o rapaz, já incapaz de resistir aos encantamentos. A jovem surge mais uma vez em sua vida, desestabilizando-o emocionalmente:

Dois rapazes de uns vinte e cinco anos flertavam com Lyrís, e um deles, o mais alto e posudo, roçou a mão no queixo dela e curvou a cabeça sobre o decote. Esse gesto insolente me insultou. O fato de eu ser tão jovem podia selar meu fracasso? Não tinha a coragem do rapaz, eu era destemido com outros feitos, ousado em outras situações, mas na presença de Lyrís era um covarde. Não conseguia sair do lugar, o medo e a timidez me paralisavam. (Hatoum 2010: 20)

A descrição da cena revela um adolescente em suas indecisões e incertezas sobre si. A coragem, virtude exaltada nos meios masculinos como um sinal de afirmação de virilidade, no caso do amor, torna-se para o rapaz um problema. O contraste com outros dois rapazes, mais velhos e, possivelmente, mais experientes, evidencia como ele mensura sua identidade masculina a partir do comportamento de outros homens. Nesse sentido, o narrador gostaria, ao menos no momento da cena ocorrida, de estar no lugar de um daqueles rapazes de vinte e cinco anos. Dessa maneira, poderia estar naquela mesma situação e confabularia com Lyrís sem maiores complexos. Porém, a inexperiência, o medo e a timidez paralisam qualquer reação.

Bruckner explica o engessamento do comportamento masculino, em alguns casos, ressaltando sua possível relação com censuras, cerceamentos e pela maneira como qualquer forma de aproximação possa ser interpretada: “homens [...], paralisados em seus impulsos sexualmente corretos” (2014: 64). Talvez o medo de uma reação inesperada de Lyrís seja o que engesse o comportamento do narrador, impedindo-o de se lançar à conquista.

Outro aspecto concerne ao ciúme que sentia por Lyrís somado a certa inveja do rapaz que roçou o queixo e mirou o decote da jovem. Esses detalhes também contribuíram para essa crise interna em sua conquista do “tornar-se um homem”. A pergunta que ficou, “o fato de eu ser tão jovem podia selar meu fracasso?”, é significativa dessa crise, em que o rapaz se percebe não como homem suficiente para Lyrís. Ser muito jovem e chamado de “menino” por sua tia, saber que seu tio cobiçava a moça, ter consciência que Lyrís era quase mulher e ver a cena em que dois rapazes mais velhos estariam flertando com ela, tudo isso causa no rapaz uma angústia e uma sensação próxima de impotência. Com efeito, ele não admite que a interação com a mulher seja possível. Ao não admitir isso, ele permanece em sua posição de impotente.

É importante ressaltar sobre a disparidade entre masculinidade e feminilidade. Enquanto, em nossa cultura, a mulher ascende à sexualidade e à posição feminina simplesmente porque a natureza lhe concede um corpo apto ao sexo, considerando a menstruação como o rito de passagem, o homem ascende à posição sexual masculina a partir de suas experiências, de suas posses ou riquezas. O rito de passagem do menino para homem, praticado ainda em algumas sociedades, verificava-se quando o pai levava o filho a um prostíbulo, para que perdesse a virgindade. Nesse sentido, um homem, para ser desejado por uma mulher, deverá “pavonear” sua “experiência”, para fazer-se atraente; já uma mulher, basta expor sua juventude. Isso, de algum modo, explica as disparidades entre os personagens do conto: o narrador tem quatorze anos e Lyrís tem dezoito; o narrador é inexperiente e seu tio é experiente; ele não tem coragem, o tio tem coragem.

Ao contrário de tudo o que poderia esperar, o jovem tem uma surpresa quando Lyrís vem ao seu encontro:

levei um susto quando vi Lyrís a dois palmos do meu rosto. [...] É a primeira vez que a gente se encontra, nem parece que somos vizinhos, ela disse em português, com a maior desenvoltura. [...] Deve rir da minha timidez, pensei, sem tirar os olhos do seu rosto. Quis mencionar um poema, mas não conseguia lembrar nada, nem dizer uma palavra. Uma emoção forte me anulou, e só os olhos me obedeceram. Por que não vens me visitar? Tu sabes que estou em casa, ela disse com uma voz mansa que me deu calafrios. (Hatoum 2010: 20-21)

O modo como Lyrís se aproxima do rapaz, isto é, “com a maior desenvoltura”, e a maneira como ela diz “Tu sabes que estou em casa” revelam algum conhecimento prévio que a moça possivelmente tinha dele, além do simples fato de serem vizinhos. É possível que ela desconfiasse do voyeurismo do jovem. Também é plausível que



estivesse lendo nua na cama propositalmente, sabendo que ele estaria usando binóculos para espíá-la, só para provocar o adolescente. Contudo, são conjecturas em aberto, considerando que o texto não possibilita comprovações mais contundentes, embora forneça pistas e detalhes importantes na apreensão das razões da sua aproximação.

A atitude de Lyrís é explicável somente numa sociedade em que a mulher conquistou seu espaço, podendo inclusive dar um passo adiante ou tomar a iniciativa de uma relação. Mary Del Priore aponta essa transformação do comportamento feminino. Em tempos anteriores, o direito à iniciativa de uma relação, em outras palavras o direito de conquista, era cerceado às mulheres: “Recato era sinônimo de distinção. Moça de elite, [...], ‘não tomava iniciativa em procurar o rapaz... quem se declarava era sempre ele’. Só mulheres de reputação duvidosa tomavam iniciativas ostensiva e publicamente” (Del Priore 2015: 256).

Apesar de Lyrís ser um pouco mais velha que o rapaz, ela não é tomada pelo medo de tentar uma aproximação. Mulheres como Lyrís podem tomar a iniciativa de qualquer relacionamento, dispensando da figura do conquistador. O “Don Juan”, o velho modelo do sedutor, vem perdendo sua força de maneira significativa, embora ainda funcione como um modelo para muitos homens. Bruckner (2014: 50) classifica-o como o “arquétipo ridículo” do conquistador. Anteriormente, os códigos de sedução e conquista eram próximos ao do amor cortês, em que o homem ia em direção da mulher, bastando aproximar-se, embora o amor cortês também se nutrisse da rejeição do amor por parte da mulher. Na contramão dessa perspectiva, atualmente as mulheres têm liberdade para manifestar um interesse por alguém.

Em contrapartida, mais uma vez, as fortes emoções e a timidez paralisam o jovem que não consegue manifestar maiores reações. Ele fica só nos pensamentos, em seu mundo interno. A falta de reação é até cômica quando ele afirma: “Quis mencionar um poema, mas não conseguia lembrar nada, nem dizer uma palavra” (Hatoum 2010: 21). Somente a falta de controle das emoções poderia levar alguém a recitar uma poesia sem uma razão plausível. Essa inexperiência torna-se burlesca, ao menos para o *ethos* comportamental da atualidade, considerando que ele recitaria um poema só pelo fato de estar apaixonado pela moça. Na sequência, Lyrís toma uma atitude ainda mais surpreendente e ousada: “Afastou-se um pouco, olhou para o lado e, de repente, esticou o pescoço e me deu um beijo no canto da boca. [...] Fiquei sem saber se era o beijo de uma amizade ou de um namoro inusitado; dormi muitas noites com a lembrança desse beijo, que dava uma esperança confusa” (Hatoum 2010: 21).

O beijo de Lyrís agrava ainda mais a paixão que o narrador sentia. Os pensamentos, sonhos e anseios que vislumbram uma suposta relação tomam conta da mente do rapaz, que passa a nutrir maiores esperanças de conquistar Lyrís. Essa atitude do narrador, que se caracteriza por seu aspecto sonhador e saudosista, idealizando uma relação que nem ao menos ocorreu de fato, leva-o a criar significados mais profundos para um simples beijo. Um beijo pode ser entendido como uma atitude educada por parte de Lyrís, no sentido de ser apenas uma saudação, mas para ele passa a significar infantilmente até mesmo um possível “namoro”.

No entanto, mesmo Lyris abrindo possibilidades maiores para o jovem lançar-se à conquista, a timidez e o medo, ainda assim, são mais fortes que seu desejo: “Pensei em fazer uma serenata para Lyris, mas a severidade do engenheiro Doherty me intimidava; duas vezes tentei visitá-la, ficava encostado numa parede próxima da casa azul, indeciso, derrotado. Duas tentativas desastrosas, e mais uma vez amaldiçoei minha timidez, meu medo” (Hatoum 2010: 21).

O jovem é constantemente assaltado por suas indecisões e hesitações. Sua inexperiência é sintomática inclusive quando conjectura a ideia de uma serenata, que, mesmo para a sua época, poderia ser interpretada como uma atitude anacrônica, ridícula ou cafona. Porém, o amor romântico do adolescente é capaz das maiores insensatezes em nome desse sentimento. A oportunidade para se lançar à conquista de Lyris surgiu e foi dada inclusive por ela, todavia o rapaz é derrotado por seu medo. Em sua última chance, ele narra:

Na terceira vez, [...] estava decidido: ia bater no portão do bangalô e entrar. A coragem crescia enquanto eu caminhava ao encontro de Lyris. Já alcançara a esquina da nossa rua, quando vi o Aero Willys preto sair da garagem, a mãe no banco da frente, as duas irmãs atrás. O carro desceu a rua e passou devagar perto de mim. Ainda vi o rosto de Lyris, os olhos verdes e um sorriso que eu não soube decifrar. Pôs a cabeça para fora da janela, acenou com as mãos agitadas, os cabelos ruivos e cacheados ondularam com o gesto. Esperei num bar da nossa rua, e uma hora depois o carro entrou na garagem, sem a mãe e suas filhas. A janela do quarto das duas irmãs ficou fechada durante as férias. Em março, quando viajei para longe, o engenheiro Doherty morava sozinho na casa azul. (Hatoum 2010: 21-22)

Essa foi a última vez que o narrador viu Lyris e a cumprimentou. Depois disso, o pai passa a viver sozinho na casa, o que indica a possibilidade da família ter se mudado. Com isso, possivelmente, o engenheiro Doherty ficara ali apenas a trabalho. Desse modo, o amor do narrador ficou apenas no sonho e na imaginação, não se consumando e não se concretizando numa relação. Esse dado é importante, pois tal frustração amorosa ainda o atormenta depois de muitos anos:

Olhei pela última vez as ruínas da nossa rua e saí da varanda. No meu quarto, tentei apagar a lembrança de uma frustração amorosa, um fracasso que não é atributo apenas da juventude. Lyris teria hoje quarenta anos, a idade de tia Mira naquele tempo. [...] Uma carta para ti, ela sorriu. [...] Ia enfiar o envelope no bolso, mas decidi abri-lo. Reconheci a caligrafia e esperei tia Mira sair do quarto. Deitei na cama, li a carta enviada de Bangcoc e fiquei pensando nas palavras de Lyris... (Hatoum 2010: 22)

O desfecho do conto carrega certa ambiguidade sobre a identidade misteriosa do remetente da correspondência de Bangcoc. Não está claro quem seja, mas o narrador sugere a possibilidade de ser Lyris quando diz que “reconheceu a caligrafia” No

entanto, não afirma efetivamente que seja a caligrafia de Lyrís. Contudo, a recordação de Lyrís como uma “frustração amorosa” contraria a ideia de que o remetente seja ela, mesmo depois de tantos anos. Mas a forma e a construção textual induzem a uma interpretação ambígua, em que esse ideal de amor ainda permanece vivo na mente do narrador. Isso deixa o leitor em dúvida, pois a escrita de Lyrís, em outro momento da narrativa, foi algo marcante para o rapaz. Ao mencionar a emoção que sentia pelo simples fato de poder contemplar a escrita da moça que ele amava, deixa esse final em suspenso. Essa construção ficcional pode ser proposital, uma vez que possibilita essa leitura de um amor ainda vivo e permanente pela ausência da moça. Levar o leitor a crer que ele ainda, de alguma maneira, mantinha correspondências com Lyrís serve de consolo diante de um amor que não se concretizou, mas que imaginariamente e hipoteticamente se mantém sob uma possível capa de amizade. Essa linha conduz, ao contrário de uma noção de fracasso ou frustração amorosa, a uma noção de triunfo do amor pela ausência.

Por outro lado, se analisarmos friamente a materialidade do texto, percebe-se que não há nada que indique que o remetente da carta seja Lyrís ou, nem mesmo, que negue sua autoria. Neste caso, o narrador apenas cria uma confusão proposital para deixar o leitor em suspenso. O fato é que ele recebe a carta da tia, lê, mas isso apenas o leva a pensar nas palavras de Lyrís, não necessariamente das que estariam escritas na carta, mas sim naquelas ditas pela moça em outro momento da sua vida. O texto deixa isso em aberto, levando à possibilidade de interpretação de que esse amor pode vir a ser, bem como conduzindo a uma outra noção, em que esse amor ainda vive, porém sob o signo da ausência.

A ambiguidade do fracasso ou triunfo amoroso, presente no conto, se explica em razão do aprendizado do adolescente em descobrir as complexidades da relação amorosa. A inabilidade e ausência de experiência do narrador são compreensíveis, pois o jovem está se descobrindo como homem a partir da atração física, emocional e sentimental que sentia pela mulher em questão. Embora seja frustrante a não realização do amor, a paixão na adolescência parece carregar consigo essa frustração de algo mal resolvido e que ficou para trás, contudo permanente e vivo na mente dos personagens.

A ausência desse amor, equivalente à distância da pessoa amada, leva o sujeito a um quadro de frustração amorosa em razão da não efetivação da conquista. Sobre isso, a psicóloga Nadiá Paulo Ferreira, em *A teoria do amor na psicanálise*, desenvolve o conceito de amor cortês, a partir da leitura de Lacan. O sentido do amor cortês se constitui na base da ausência do objeto, ou seja, da pessoa amada: “Sem privação não há amor cortês. [...] O objeto amado só pode comparecer na estrutura da privação, porque se trata de um amor em que as relações entre sujeito e objeto se inscrevem na falta. [...] Amar no amor cortês significa renunciar não ao amor, mas ao objeto amado. [...] Da privação passa-se a frustração: (Ferreira 2004: 48).

Em última análise, é importante reconhecer que, no conto, há um homem falando sobre o amor que sentiu em um determinado momento da sua juventude e que ainda vive, apesar da passagem do tempo ou mesmo que o envolvimento amoroso não

tenha se consumado. A permanência desse sentimento se verifica em razão dessa ausência da mulher amada ou da não consumação de um relacionamento. Com efeito, mesmo em sua fase madura, o narrador age como um sujeito que crê num amor carregado de sentimento e afeto pela lembrança da moça em questão.

#### **OBRAS CITADAS**

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUCKNER, Pascal. *O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa*. 2ª. ed. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2014

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HATOUM, Milton. *A cidade ilhada: contos*. Belo Horizonte: Boa Viagem, 2010.